

A Terra Dos Esquecidos: Fotografia Artística Como Ferramenta de Denúncia Social no Aterro Sanitário de Santa Rita do Araguaia, Goiás¹

Ronaldo Divino BORGES²

Cálita Fenanda Bastista de PAULA³

Claudinéia Rodrigues dos SANTOS⁴

Cristiele Ive Silverio da CRUZ⁵

Ismael Roberto FERREIRA⁶

Lawrenberg Advíncula da SILVA⁷

Universidade do Estado do Mato Grosso, Alto Araguaia, MT

RESUMO: Na relação entre arte e vida, nem sempre as fronteiras da ficção e da realidade ficam plenamente claras, estabelecidas. Nesse sentido, o presente trabalho, intitulado “A Terra dos Esquecidos”, busca retratar as limítrofes do imagético artístico da linguagem cinematográfica do *road movie* **Cinema, Aspirinas e Urubus**, do diretor Marcelo Gomes, e o imaginário real do fotojornalismo, voltado para a denúncia a realidade social, por mais crua e cruel que ela seja. O ensaio fotográfico artístico “**A Terra dos Esquecidos**” tem como proposta evidenciar a interação entre personagens do cotidiano e objetos travestidos de todo um glamour e plástica do concretismo, que foram extraídos numa rápida incursão fotoetnográfica no aterro sanitário de Santa Rita do Araguaia, interior de Goiás.

Palavras-chave: Fotografia artística; Fotojornalismo; Fotoetnografia; Aterro Sanitário.

1 INTRODUÇÃO

O aterro sanitário de Santa Rita do Araguaia, interior de Goiás, é um dos milhares de aterros sanitários no Brasil que funciona a céu aberto, gerando problemas ambientais e sociais para a população, principalmente para os segmentos dela que depende do local enquanto fonte de renda. Esses segmentos são constituídos por trabalhadores informais, sem instrução e muito menos especialização, denominados de lumpémproletariados. De acordo com Beltrão (1980: p.39), trata-se de grupos marginalizados da narrativa política de cidade, caracterizados por indivíduos situados “à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente.”

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Ensaio Fotográfico Artístico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: ronaldotga2009@hotmail.com.

³ Aluna coautora e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: kalitinha_fernanda@hotmail.com.

⁴ Aluna coautora e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: claudia-santos20@hotmail.com

⁵ Aluna coautora e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: tyelinhaive@hotmail.com.

⁶ Aluno coautor e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: ismaelr.f@hotmail.com.

⁷ Orientador do trabalho. Assessor de Comunicação. Coordenador da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade. Membro-pesquisador da rede Folkcom. Professor do Curso Jornalismo, email: lawrenberg@gmail.com.

A estética do trabalho, marcada pela aridez dos cenários e dos fortes contrastes entre personagens e objetos, é em boa parte inspirada nos trabalho do renomado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, considerado um crítico social no Brasil, que busca através de sua fotografia fazer denúncias sociais, com valor informativo com interesse público. Mas também toma por base a iconografia do filme Cinema, Aspirinas e Urubus⁸, do diretor Marcelo Gomes (2004), na medida em que se conjugam elementos que analogamente dialogam com o imaginário do sertão brasileiro.

Utilizando de objetos do próprio ambiente fotografado a partir de um processo de realocação e reapropriação, isto é, por meio de um sincretismo, o trabalho em si busca por meio da fotografia desvendar um horizonte desconhecido por muitos, transformando visualmente em arte personagens e todo material considerados residuais pela sociedade de consumo.

Trata-se de um projeto fotoetnográfico – junção da fotografia com a antropologia –, que transita entre a antropologia e o jornalismo, do qual, num primeiro momento, observa-se por meio da fotografia um cenário totalmente ignorado pelas autoridades do município, mas que é presente e ignoscível para a vida de muitos trabalhadores braçais e moradores sem perspectivas de vida da região. E que, num segundo momento, estabelece-se um compromisso em registrar os elementos culturais e a identidade social de uma determinada comunidade, o que reitera a reflexão do antropólogo brasileiro Luis Eduardo Robinson Achutti, quando o mesmo busca conceituar o termo fotoetnografia.

Assim como Salgado (1997) retratou por meio da fotografia a situação do MST no Brasil, chamando a atenção para que os governantes implantem a reforma agrária no país, e Cinema, Aspirinas e Urubus reapresenta o cotidiano de pessoas no sertão brasileiro, por meio de um enredo emblemático na literatura modernista, sobretudo quando se alude as obras de escritores como Graciliano Ramos, Ariano Suassuna e Jorge Amado.

Em linhas gerais, o ensaio realizado no interior de Goiás teve como proposta relatar a triste realidade de quem depende do aterro sanitário para sobrevivência, a partir da

⁸ O filme retrata o encontro de dois homens vindos de mundos diferentes durante os idos de 1942, isto no auge da 2ª Guerra Mundial. O enredo transcorre no meio do sertão nordestino. Um deles é Johann (Peter Ketnath), alemão fugido da 2ª Guerra Mundial, que dirige um caminhão e vende aspirinas pelo interior do país. O outro é Ranulpho (João Miguel), um típico sertanista e que, após ganhar uma carona de Johann, passa a trabalhar para ele como ajudante. Viajando de povoado em povoado, a dupla exhibe filmes promocionais sobre o remédio "milagroso" para pessoas que jamais tiveram a oportunidade de ir ao cinema.

fotografia artística como método e modo de ressignificação / reinvenção da interação entre personagens considerados marginalizados e objetos residuais da dita sociedade de consumo.

Enquanto do ponto de vista acadêmico, sobretudo pensando na relação ensino – prática na formação em Jornalismo, pode-se afirmar que a atividade da produção do ensaio em si propõe uma aproximação entre arte fotográfica e sensibilidade jornalística, ao promover um casamento singular que desencadeou experiências fortes aos alunos envolvidos, a maioria matriculados na disciplina de Estudos Culturais e Mídia, no terceiro semestre de Jornalismo e em fotojornalismo, no quinto semestre, no campus universitário de Alto Araguaia, Universidade do Estado de Mato Grosso.

2 OBJETIVO

Mostrar o potencial de crítica social da fotografia artística, em sua intersecção com a antropologia e o jornalismo, ao: destacar, desconstruir e reconstruir o cotidiano do aterro sanitário de Santa Rita do Araguaia, enquanto lugar de trabalho e sobrevivência.

3 JUSTIFICATIVA

Ao final da Primeira Guerra Mundial, idos 1914-1918, a Europa presencia um grande movimento artístico como reação social aos efeitos devastadores de mísseis e canhões, e, sobretudo, da intolerância humana. Este movimento artístico é vanguardista, tendo como referências a produção de artistas plásticos como Dali, Gogh, Picasso, Magritte e Munch. Trata-se de uma pulsão criativa enquanto modo de resistir e reinventar uma realidade adversa, dura, nua e crua imposta, que, no presente ensaio, não parece ser muito diferente no que tange propositura e ideia.

Localizado de forma camuflada na margem da rodovia BR 364, o aterro sanitário foi esquecido pelas autoridades do pequeno município de Goiás há pelo menos uma década. Soma-se a isso a dificuldade de acesso e de trafegabilidade que reforça o estado de abandono do local, tal como atribui uma imagem de clandestinidade. A quem passa pela rodovia, logo se contempla mais uma paisagem do que existe de precário para uma cidade de baixa renda no interior de Goiás, todavia, ao se aventurar com mais afinco ao lugar, pode se notar o aviltante e o ultraje travestido das mais variantes nuances.

O contraste de cenas entre “o que se vê pela rodovia” e “o que se avista dentro do aterro” parece sintetizar a relação disjuntiva que inevitavelmente subsidia boa parte dos processos de globalização emergentes, que foram e são perpetrados em locais ainda

carentes de serviços públicos essenciais, básicos. Em outras palavras, trata-se de uma descrição bastante comum dos aterros sanitários no Brasil, historicamente sempre pretendidos como lugares amiúde e invisíveis nos planejamentos urbanos.

Deste modo, o ensaio fotográfico intitulado “A Terra dos Esquecidos” serve como um alerta às autoridades competentes e sociedade em geral, explorando as fronteiras entre a dignidade humana, a tolerância social, o senso de modernidade e interesse público, e, sobretudo, a capacidade da arte fazer denúncia e transformação social.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização do trabalho, foi feita uma primeira reunião para discutir as leituras e análise tanto do filme Cinema, Aspirinas e Urubu, quanto das fotografias de Sebastião Salgado. Nessa primeira reunião, também amparada por um clipping de notícias acerca do tema, aterro sanitário e sociedade, definiu-se o local para a incursão fotoetnográfica.

Definido o recorte para a incursão, a equipe de alunos deslocou até o aterro sanitário. Antes do ensaio, foi feito um reconhecimento de campo e delegação de tarefas para duplas de alunos. Cada dupla ficaria responsável por uma área específica do aterro.

Durante o ensaio fotográfico houve um trabalho de realocação de objetos e encenação, além de entrevistas com os personagens envolvidos.

Fazendo uso de câmeras de celulares do modelo **Samsung Galaxy S3**, os alunos captaram imagens pitorescas e fortes do aterro sanitário.

Nessas imagens captadas privilegiaram-se diversos planos e enquadramentos, com a predominância de plano geral para as paisagens e plano conjunto e médio para identificar os personagens, sejam cênicos sejam reais do cotidiano, como foi o caso do morador do aterro e seus cães.

Depois das imagens captadas, elaborou-se um relatório de impressões detectadas, sob o intuito de fazer uma avaliação geral sobre a experiência da incursão fotoetnográfica.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O ensaio fotográfico realizado no mês de Maio de 2013, no aterro sanitário de Santa Rita do Araguaia-GO, foi desenvolvido um projeto fotográfico e antropológico do local, que contou com a participação de acadêmicos do 4º e do 5º semestre do curso de jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso.

O trabalho fotográfico buscou evidenciar a realidade, os problemas sociais existentes no aterro sanitário local. O trabalho em si teve um viés jornalístico por evidenciar a denúncia social, chamando a atenção e alertando as autoridades municipais a respeito do abandono e simultaneamente as péssimas condições sociais e humanas experienciadas pelos moradores que residem nas proximidades desses locais.

Como se observa nas imagens, o cenário do ensaio apresenta a aridez da cinematografia de Cinema, Aspirinas e Urubus, a contundência social de Sebastião Salgado aliado o retrato social como memória do fotojornalismo.



Analisando as três imagens, vimos que já na entrada do aterro é possível observar o grande volume de lixo enquanto marca de uma cenografia tenebrosa, senão fúnebre. Mais adiante, no interior do aterro, uma paisagem morta parece ditar a tônica de um ensaio que, do ponto de vista reflexivo, fez o resgate da interação entre a materialidade física e residual das coisas do mundo e a materialidade mítica da plástica da fotografia enquanto potência criativa.



A primeira foto produzida pela acadêmica Christiely Ive, a segunda e a terceira pelo acadêmico Ronaldo Borges.

Nesse ambiente, encontramos um personagem real que chamou a nossa atenção pela péssimas condições do local. E constatamos que esse morador do “lixão”, que também se alimenta de restos de comidas encontrado no local, jamais poderia continuar vivendo neste ambiente, misturado com dejetos orgânicos e altamente corrosivos. Sendo assim, o ensaio fotográfico sensibilizou a população e as autoridades com as imagens fortes, e mobilizou a retirada deste morador do aterro, ofertando a ele um lar com alimentação digna, que é direito de todo cidadão.



Imagens do filme Cinema, Aspirinas e Urubu.



Fonte: ABRAFILME

Observando a linguagem cinematográfica de *Cinema, Aspirinas e Urubus*, do diretor Marcelo Gomes, pode-se afirmar que “A Terra dos Esquecidos” tem seu roteiro bem parecido em relação à condição de estranhamento que tanto o indivíduo de fora quanto o de dentro acabam compartilhando à medida que se envolvem nas tramas sociais de um determinado local. Enquanto o filme trata da situação crítica do nordeste, que é carente em recursos básicos e esquecidos pelo governo há muito anos, o ensaio também faz críticas sobre a falta de infraestrutura dos aterros sanitários, espalhado por várias partes do país, quase na mesma intensidade que o renomado documentário *Lixo Extraordinário*.



Foto da carcaça do boi produzida pela acadêmica Cálita Fernanda, e a foto à direita produzida dos cães produzida pelo acadêmico Ismael Roberto.

Não diferente de outros lugares, no aterro sanitário do município é comum encontrar animais vivos circulando no espaço, composto por toneladas de lixo, inclusive carcaças de animais mortos, que propiciam uma iconoclastia claudicante e chocante, pois simbolizam uma natureza morta.



Primeira foto produzida pelo acadêmico Ronaldo Borges, a segunda foto produzida pela acadêmica Claudinéia Santos, e a terceira foto produzido pelo acadêmico Onofro Martins.

Com a intenção de reinventar este lugar abandonado, a partir de uma intervenção cênica, foi produzida uma grande encenação com personagens inspirados na mitologia religiosa cristã; num processo que promove uma nova interação entre personagens fictícios, reais do cotidiano e objetos residuais. Neste sentido, criamos um personagem descrito como *Rainha Luxúria*, que usa produto retirado do aterro para se tornar bela. “A Terra dos Esquecidos” retratou e utilizou de personagens míticos enquanto metáfora para representar a realidade nefasta dos seres do aterro sanitário.

CONSIDERAÇÕES

A incursão fotoetnográfica possibilitou um conhecimento de uma realidade distante das coberturas jornalísticas de orientação mercadológica e hegemônica, reforçando o cunho humanístico do aprendizado de disciplinas humanas como Antropologia, por exemplo. E o resultado deste trabalho, da parte teórica ao seu exercício prático, exigiu de toda a equipe uma desenvoltura e nova sensibilidade para os problemas sociais, tal qual, uma compreensão mais crítica acerca das posturas assumidas pelos editoriais dos grandes jornais diante de casos onde a dignidade humana é colocada em cheque.

Por fim, é preciso ressaltar que o trabalho teve impacto social na região, na medida em que comoveu a população e possibilitou na mobilização dela no auxílio do morador do aterro, e, num segundo momento, provocou as autoridades públicas a uma tomada de decisão sobre os rumos do aterro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. de, **Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro**, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997

BARTHES, Roland. **O Obvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

ESTRELLA, Charbelly e GONZALVES, Fernando do Nascimento. **Comunicação, cidades e invasões artísticas**. São Leopoldo: UNIrevista, Vol. 1, n° 3, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.

JOLY, Martine. **Imagem e a sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2003.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SALGADO, Sebastião. **Terra: introdução de José Saramago, versos de Chico Buarque**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; MAMMI, Lorenzo (Orgs.). **8X Fotografia. Ensaio**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004